

## BRANCOS, PRETOS E PARDOS DA BAHIA

Luiz Cerqueira

Docente livre de Clínica Psiquiátrica

A Bahia, por motivos óbvios, e que seria ocioso repeti-los mais uma vez, tem sido objeto de vastos e profundos estudos de antropologia social. Nina Rodrigues, Artur Ramos, Édison Carneiro, Donald Pierson, Melville Herskovits, Roger Bastide, para só falarmos nos nomes mais conhecidos do grande público, são autores de trabalhos muito sérios de antropologia tendo como objeto a Bahia. Antropologistas sociais todos êles, sômente êste aspecto da antropologia lhes mereceu atenção. O mesmo acontece com nomes de menos fama, embora alguns sejam autores de excelentes trabalhos, sempre a propósito do aspecto social ou cultural da nossa antropologia, aspecto cujo interesse não desmerecemos em absoluto, nem consideramos menos oportuno para a análise de muitos de nossos problemas.

Infelizmente, porém, nada temos feito praticamente no terreno da antropologia física, setor que não consideramos nem superior nem inferior ao social ou cultural, porque ambos se completam. E esta lacuna é tanto mais lamentável quando vemos o Prof. Pierson, por exemplo, esbarrar em óbices que sômente o seu rigor de método pôde suprir, com uma série de ressalvas que êle proprio faz em seus magníficos estudos sôbre a composição étnica das classes (1) e a diluição da linha de côr na Bahia (2). Por falta de sólidas bases que lhes permitissem ajuizar com segurança sôbre a distribuição dos tipos ra-

---

1) A composição étnica das classes na sociedade baiana. Rev. Arq. Municipal São Paulo 7:143-164, Maio 1941.

2) Diluição da linha de côr na Bahia. Rev. Arq. Municipal São Paulo 8:105-127, Março-Abril 1943.

ciais em nossa população, Pacífico Pereira (3) em 1903 e César de Araújo (4) em 1938, não puderam dar a ênfase que seria de desejar sobre seus achados de que os pretos na Bahia são mais atacados de tuberculose do que os brancos e pardos. Nós mesmos quando estudamos a incidência de psicopatias em nosso meio, tivemos previamente de realizar medidas que nos permitissem levantar estatísticas da população normal — estatísticas a que não pudemos deixar de fazer ressalvas (5). O mesmo não sucedeu por exemplo, em Pernambuco, onde, quando se quis fazer o mesmo estudo (6), já havia o trabalho básico do Prof. Ulisses Pernambucano e colaboradores (7), que permitia ajuizar rigorosamente sobre dados antropológicos variados da população normal. Já no Rio de Janeiro, por falta de um trabalho preliminar desta natureza, um professor de nomeada foi levado a afirmar inexatidões grosseiras a propósito da incidência de doenças mentais entre os pretos.

Os nossos sociólogos, da mesma forma que os nossos médicos, necessitam para seus estudos, de dados tão exatos quanto possível, sobre a distribuição dos tipos raciais na população geral. Esta tarefa, infelizmente não pode ser atendida pelos recenseamentos, porque exige uma análise rigorosa de múltiplos dados — sempre oriundos de amostras típicas da população e tomadas por pessoa experimentada. Um tal estudo deixaria pelo menos esclarecida para o grande público do país a questão de ser a Bahia ou não uma terra de negros, como pensam ainda algumas pessoas que não conhecem a nossa terra.

---

3) A tuberculose na Bahia. *Tip.* Almeida, Bahia, 1904.

4) *Rev. Tisiologia da Bahia* 1:5-26, Julho-Agosto 1939.

5) Incidência de psicopatias entre leptorrinos, mesorrinos e platirrinos de Bahia e Sergipe. *Neurobiologia, Recife* 7:17-37, Março-Junho 1944.

6) Arnaldo Di Lascio — Incidência de psicopatias entre os leptorrinos, mesorrinos e platirrinos de Pernambuco. In *Estudos Pernambucanos dedicados a Ulisses Pernambucano*. Ed. *Jornal do Comércio, Recife*, 1937. Pags. 115-124.

7) Alguns dados antropológicos da população do Recife. *Arq. Assist. Psicop. Pernambuco* 5:40-45, 1935.

## MATERIAL

Justificado o nosso trabalho, passemos agora à descrição do nosso material. Êste se baseia em 1.022 fichas obtidas de soldados, que passaram por nossas mãos, nos trabalhos de seleção do Corpo Expedicionário, convocados de todo o Estado da Bahia, dos quais tomamos côr da pele (pela escala de von Luschan), índice cefálico, índice nasal, côr dos olhos, côr e consistência do cabelo. O Exército Brasileiro atualmente nos parece constituir uma comunidade típica, prestando-se as amostras dêle tiradas a uma comparação tanto quanto possível exata, relativamente à população geral. Com a convocação fazem parte hoje do Exército tanto o filho do desembargador como o de sua cozinheira. E' verdade que o nosso Exército não é um exército apenas de convocados, pois lá ainda se encontram soldados voluntários. Por outro lado, à convocação escapam os não arrolados pelo Registro Civil, repartição a que, como indicam os cálculos de nascimentos prováveis e os registros oficiais, foge grande número de indivíduos menos favorecidos pela fortuna. Seja como fôr, o Exército parece constituir principalmente em tempo de guerra, a comunidade mais típica que temos de população masculina, do ponto de vista da antropologia física para efeitos de comparação com a população geral. A côr da pele foi tomada pela escala de von Luschan, como já foi dito, a qual se compõe de 36 tons, e aplicada na face anterior e superior do ante-braço. O índice cefálico foi calculado à base das medidas clássicas, tomadas segundo as regras aconselhadas por Dina Levi-Strauss (8), bem como o índice nasal. Aconselhados por Alvaro Ferraz (9), abandonamos a escala de Martin para a tomada da côr dos olhos, a qual é composta de 16 tons, na sua maioria do azul. Usamos então uma escala própria, com 4 olhos adquiridos numa casa de ótica: um castanho claro, um castanho escuro, um azulado e um esverdeado. Co-

---

8) Instruções práticas para pesquisas de antropologia física e cultural. Col. Dep. Municipal de Cultura. São Paulo, 1936. Pags. 88-105.

9) Autor, com Andrade Lima Junior, de "A morfologia do homem do nordeste".

em tôdas as escalas colorimétricas, a classificação é feita por aproximação e exclusão. Para a classificação da côr do cabelo abandonamos também a escala de Fischer, pouco prática para o nosso meio, adotando um critério subjetivo pelo qual dividimos o cabelo, segundo a côr, em 3 tipos: louro, castanho e preto. A natureza ou consistência do cabelo foi considerada segundo Bastos de Ávila (10), em 3 tipos: liso (lissótrico), encaracolado, (quimatótrico) e encarapinhado (ulótrico), tipo êste em que encontramos desde o cabelo espiralado ao em forma de grãos de pimenta do reino. Como se vê, um pouco diferente do critério de Martin, que estabelece 6 tipos: lisos, ondulados, encaracolados, crespos, encarapinhados, em grão de pimenta do reino.

## RESULTADOS

### Índice cefálico

#### QUADRO I

Distribuição de 1.022 indivíduos segundo o índice cefálico

Índice	Frequência	Porcentagem
65 — 70	9	0.88
71 — 76	66	6.45
77 — 82	387	37.86
83 — 88	468	45.79
89 — 94	83	8.12
95 — 100	9	0.88
Total	1.022	99.98

Média 82,4. Mediano 83. Desvio padrão 4,74 (11)

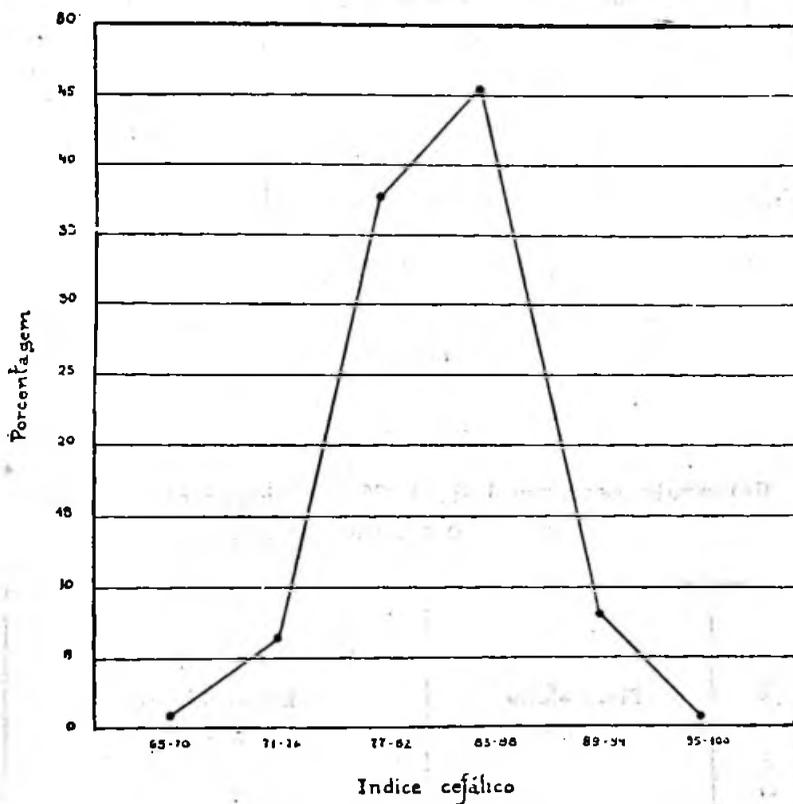
10) Questões de antropologia brasileira. Civ. Brasileira S. A., Rio, 1935. Pags. 150-151.

11) Agradecemos à Dra. Aniela Meyer-Ginsberg os cálculos de valores centrais e de correlações nesta pesquisa.

BRANCOS, PRETOS E PARDÓS DA BAHIA

GRÁFICO A

Curva de frequência de 1.022 indivíduos segundo o índice cefálico



Os baianos podem portanto ser assim classificados segundo o índice cefálico (Quadro II, gráfico B):

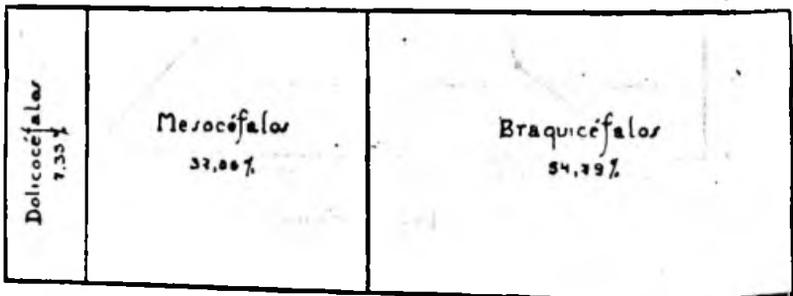
### QUADRO II

Classificação de 1.022 indivíduos segundo o índice cefálico (12)

Especificação	Frequência	Porcentagem
Dolicocéfalos	75	7.33
Mesocéfalos	387	37.86
Braquicéfalos	560	54.79
Total	1.022	99.98

### GRÁFICO B

Retângulo percentual de 1.022 indivíduos classificados segundo o índice cefálico



- 12) Dolicocefalos: I. C. menor de 76.  
 Mesocéfalos: I. C. de 76 a 81  
 Braquicéfalos: I. C. de 81 em diante

(R. Martin)

## BRANCOS, PRETOS E PARDOS DA BAHIA

## Índice nasal

## QUADRO III

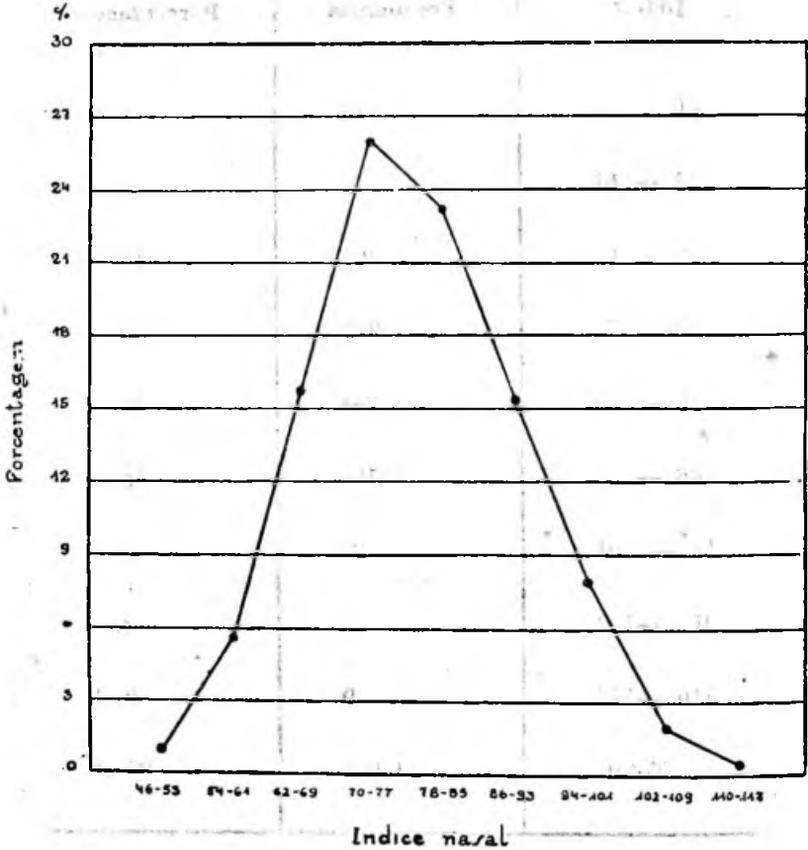
Distribuição de 1.022 indivíduos segundo  
o índice nasal

Índice	Frequência	Porcentagem
46 — 53	13	1.27
54 — 61	52	5.08
62 — 69	164	16.04
70 — 77	273	26.71
78 — 85	244	23.87
86 — 93	159	15.55
94 — 101	86	8.41
102 — 109	22	2.15
110 — 177	9	0.88
Total	1.022	99.96

Média 79,1. Mediano 84. Desvio padrão 11,6

GRÁFICO C

Curva de frequência de 1.022 indivíduos segundo o índice nasal



BRANCOS, PRETOS E PARDOS DA BAHIA

Os baianos podem portanto ser assim classificados segundo o índice nasal (Quadro IV, gráfico D):

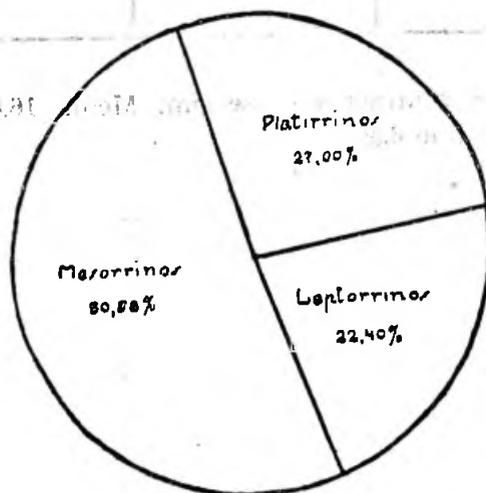
QUADRO IV

Classificação de 1.022 indivíduos segundo o índice nasal (13)

Especificação	Frequência	Porcentagem
Leptorrinos	229	99.98
Messorinos	517	27.00
Platirrinos	2276	50.58
Total	1.022	22.40

GRÁFICO D

Setograma de 1.022 indivíduos classificados segundo o índice nasal



13) Veja-se adiante a tabela de R. Martin

## CÔR DA PELE

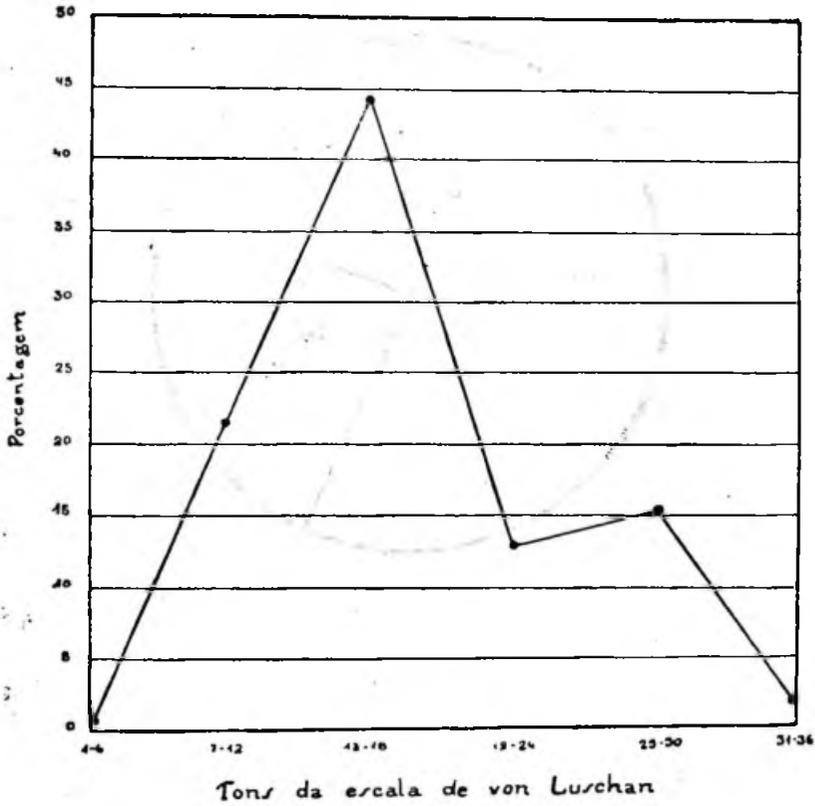
Distribuição de 1.022 indivíduos  
segundo a côr da pele

Escala de von Luschan	Frequência	Porcentagem
1 — 6	15	1.46
7 — 12	228	22.30
13 — 18	453	44.32
19 — 24	141	13.79
25 — 30	161	15.75
31 — 36	24	2.34
Total	1.022	99.96

Os valores centrais aqui seriam: Média 16,6 e Mediano 15,4. Desvio padrão 6,36.

GRÁFICO E

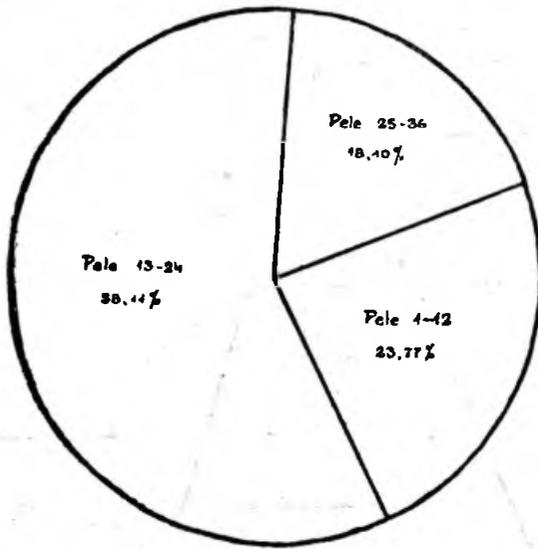
Curva de frequência de 1.022 indivíduos clas-  
sificados segundo a côr da pele (von Luschan)



Condensando os 36 tons da escala de von Luschan em 3 porções, temos o

GRÁFICO F

Setograma de 1.022 indivíduos classificados segundo a cor da pele



## BRANCOS, PRETOS E PARDOS DA BAHIA

Sendo a escala de von Luschan de uso internacional e prevendo todos os tons de pele, podemos concluir que mais de metade da população baiana é de côr parda, cêrca de 1/4 é de côr branca ou clara, apresentando-se os de côr preta ou bem escuros em menor proporção.

## Côr dos olhos

## QUADRO VI

Distribuição de 1.022 indivíduos segundo a côr dos olhos

Especificação	Frequência	Porcentagem
Cast. claros	434	42.46
Cast. escuros	552	54.01
Azulados	22	2.15
Esverdeados	14	1.36
Total	1.022	99.98

Verificamos portanto que 96% dos nossos observados têm olhos castanhos, não constituindo praticamente a côr dos olhos elemento para a classificação de tipos antropológicos entre nós.

## Côr dos cabelos

## QUADRO VII

Distribuição de 1.022 indivíduos segundo a côr dos cabelos

Especificação	Frequência	Porcentagem
Pretos	797	77.98
Castanhos	179	17.51
Louros	46	4.50
Total	1.022	99.99

Verifica-se também que a côr escura dos cabelos predomina na população geral, devendo portanto ser muito frequente em quantos tipos antropológicos se queira dividi-la.

Natureza ou consistência do cabelo

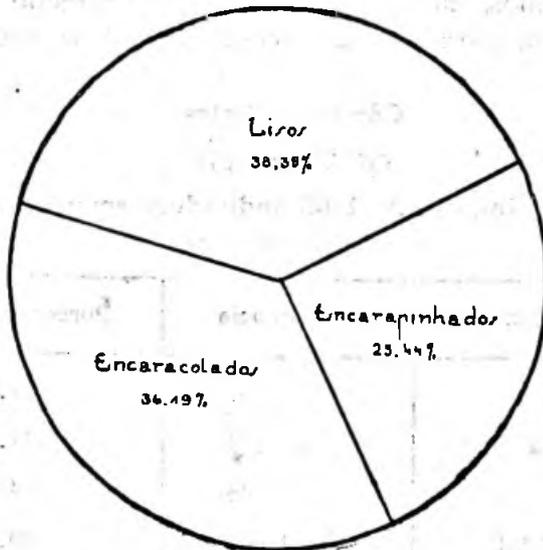
QUADRO VIII

Distribuição de 1.022 indivíduos segundo a natureza do cabelo

Especificação	Frequência	Porcentagem
Lisos	392	38.35
Encaracolados	370	36.19
Encarapinhados	260	25.44
Total	1.022	99.98

GRÁFICO G

Setograma de 1.022 indivíduos classificados segundo a natureza do cabelo



## CONSIDERAÇÕES

Não pretendemos discutir a questão até certo ponto biantina das origens das raças nem definir o conceito de raça. Tampouco voltaremos a insistir nos problemas de cruzamentos raciais ou outras questões teóricas da antropologia. A tanto não nos permite nosso material, tabulado para um estudo regional, nem a nossa improvisação como antropologista. Improvisação imposta pelo fato de nenhum antropologista físico ou outro especialista da antropologia nos ter ainda proporcionado um estudo mais objetivo sobre a distribuição dos elementos antropológicos da população baiana. Fazemos um estudo local, sem preocupações de comparar os nossos dados com as verificações de âmbito mundial ou mesmo continental.

Quando muito nos aventuramos a propor a distribuição dos baianos em 3 tipos segundo certos dados antropológicos. Não temos a ilusão de que nos fala Haddon (14) de que um tipo racial não existe senão em nosso espírito e, com Boas (15) reconhecemos que embora os elementos antropométricos permitam uma definida descrição de tipos locais, a significação verdadeiramente biológica das diferenças observadas permanece indeterminada. Mas, conforme mostrámos em trabalho anterior (16) há a necessidade metodológica de uma tal classificação para que médicos e estudiosos de ciências sociais disponham pelo menos de um ponto de referência para suas comparações. Os 3 tipos a que nos referimos seriam: branco, pardo e preto, conceituados não apenas em relação à pigmentação, é claro. E os dados em que baseá-los: o índice nasal, a natureza ou consistência do cabelo e, naturalmente, também a cor da pele. Considerados todos não de *per si*, mas de modo global. E' verdade que em nosso trabalho estudamos também o índice cefálico, a cor dos olhos e a cor dos cabelos. Mas estes dados se mostraram inoperantes para classificar nossa po-

---

14) *Les races humaines*. Trad. A. van Gennep. Lib. Alcan, Paris, 1930. Pag. 2

15) *Race, language and culture*. McMillan, N. York, 1940. Pag. 181

16) Sobre o valor de certos dados antropológicos. Anais do II Congresso Médico Social Brasileiro. Vol. II. Pgs. 748-752.

pulação em 3 tipos, como é fácil verificar nos quadros I, II, VI, VII e gráficos A e B, visto que as características pelos mesmos indicadas predominam em todos os tipos propostos, perdendo portanto qualquer valor significativo. Ao mesmo tempo, fica mais simples a classificação sugerida, uma vez que se baseia num número menor de características. O preto e o castanho do cabelo, por exemplo, se apresentam em 95% dos 1.022 indivíduos examinados (78 e 17% respectivamente); a côr castanha dos olhos em 96% (42% para o castanho claro e 54% para o castanho escuro); a braquicefalia e a mesocefalia em 93% (55% e 38% respectivamente), sendo comum a todos os tipos propostos. Estamos com Montandon (17) e os modernos antropologistas em que nenhum caráter racial deverá ser tomado como exclusivamente primordial. Este autor acha que as classificações que se baseiam esquematicamente sobre um caráter primário, depois sobre um outro secundário, etc. "apresentam tôdas, a um dado momento, algo que contradiz o natural, o bom senso antropológico" (18). E aconselha: "eis a questão, uma vez estudados os caracteres de um grupo: que sobressai, que chama a atenção mais violentamente neste grupo?" (19). Correlacionamos por isso os 3 dados antropológicos que mostraram certa evidência de caracterização. Os quadros IX, X e XI mostram que o índice nasal, a côr da pele e a natureza do cabelo se correlacionam de maneira perfeitamente aceitável para quem quiser dividir a população em 3 tipos. Tal correlação vem por sua vez fundamentar estudos anteriores — mais unilaterais uns, menos rigorosos outros, na opinião dos próprios autores, todos êles em dúvida quanto à validade de seus dados. Ela não é porém absoluta, nem poderia sê-lo, visto que os dados são fornecidos ao azar da estatística e não arrançados para conclusões pre-estabelecidas. Naturalmente nem todos os indivíduos apresentam simultaneamente as 3 características para o tipo proposto; mas apresen-

---

17) *La race. Les races.* Payot, Paris, 1933. Pg. 72

18) *Op. cit.* Pg. 73

19) *Loc. cit.*

tarão pelo menos duas, na sua imensa maioria, bastando estas, parece-nos, para permitir uma classificação aceitável. Insistimos numa classificação em 3 tipos não só porque mais simples como porque se prestará melhor a uma comparação com a bibliografia sobre o assunto, toda composta de trabalhos baseados em 3 tipos, feitas as ressalvas que os mesmos comportam.

Deixamos de incluir um tipo com as características do índio pelas seguintes razões: 1.º a população do Brasil conta com menos de 1% de índios, e a Bahia muito menos, embora o contingente indígena no passado tenha sido muito significativo; 2.º suas características antropológicas são as mais variadas mesmo nos elementos mais puros; 3.º parece-nos um dos mais difíceis problemas de antropologia física a sua determinação.

## QUADRO IX

Correlação entre índice nasal e natureza do cabelo em  
1.022 indivíduos

I. N.	C a b e l o s			Total
	Lisos	Caracol.	Carap.	
Leptorrinos	155	68	6	229
Mesorrinos	183	220	114	517
Platirrinos	54	82	140	276
<b>Total</b>	<b>392</b>	<b>370</b>	<b>260</b>	<b>1022</b>

Coefficiente de correlação  $\pm 0,43$

Erro provável = 0,0179

## QUADRO X

Correlação entre índice nasal e côr da pele em 1.022 indivíduos

I. N.	P e l e			Total
	1 - 12	13 - 24	25 - 36	
Leptorrinos	100	120	9	229
Mesorrinos	114	317	86	517
Platirrinos	29	157	90	276
<b>Total</b>	<b>243</b>	<b>594</b>	<b>185</b>	<b>1022</b>

Coeficiente de correlação  $+ 0,33$ Erro provável =  $0,0194$ 

## QUADRO XI

Correlação entre côr da pele e natureza do cabelo em 1.022 indivíduos

P e l e	C a b e l o s			Total
	Lisos	Caracol.	Carap.	
1 — 12	174	67	2	243
13 — 24	210	258	126	594
25 — 36	8	45	132	185
<b>Total</b>	<b>392</b>	<b>370</b>	<b>260</b>	<b>1022</b>

Coeficiente de correlação  $+ 0,47$ Erro provável =  $0,0160$

## O BRANCO DA BAHIA

Branco, segundo o nosso modo de ver, seriam considerados os baianos classificados nos 12 primeiros tons da escala de pele de von Luschan, de cabelos lisos, leptorrinos (índice nasal inferior a 70). Se tirarmos a média das porcentagens encontradas para os indivíduos de côres 1 a 12 (27.77%), de cabelos lisos (38.35%), leptorrinos (22.40%) poderemos admitir que o tipo a se considerar branco deve se apresentar na população na proporção de 28.17%. Teremos assim um "branco da Bahia" inegavelmente mais objetivo.

## O PRETO

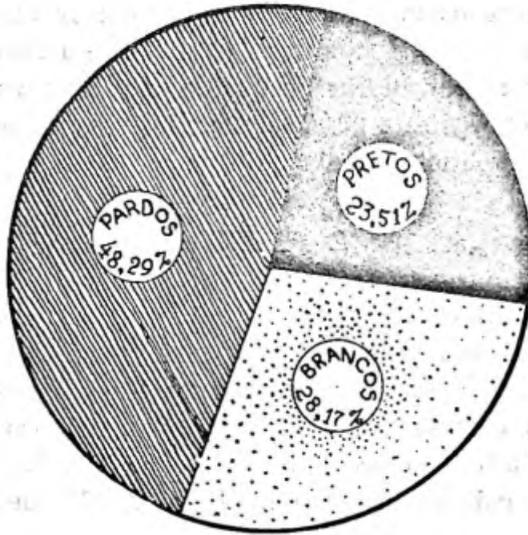
Pretos seriam considerados os indivíduos de pele 25 a 36, de cabelos encarapinhados, conforme o critério descrito ao apresentarmos o material, platirrininos (índice nasal de 85 em diante). Do mesmo modo os pretos constituiriam 23.51% da população (18.10% de indivíduos de pele 25 a 36, 25.44% de indivíduos de cabelos encarapinhados e 27.00% de platirrininos).

## O PARDO

Pardos seriam os indivíduos restantes, isto é, de pele 13 a 24 na escala progressiva de von Luschan, de cabelos encaracolados, mesorrinos (índice nasal entre 70 e 85). Seriam representados por 48.29% da população, valor médio entre 58.11% (indivíduos de pele 13 a 24), 36.19% (indivíduos de cabelos encaracolados) e 50.58% (mesorrinos).

## GRÁFICO H

Distribuição provável da população baiana



Creemos que, adotado pelos médicos e repartições que de algum modo servem de centros coletores de dados antropológicos (Gabinete de Identificação, Registro Civil, etc.), enquanto não se fundar na Bahia o instituto de antropologia de que ela e a antropologia tanto carecem, o critério por nós proposto viria permitir aos Pierson do futuro dados mais concretos para o estudo, por exemplo, da diluição da linha de côr na Bahia. Excluir-se-iam assim das repartições, institutos e serviços médicos os termos moreno, mulato, mestiço, cafuso, curiboca, cabo verde, etc., que ou nada significam do ponto de vista antropológico ou se referem a tipos de frequência desprezível na população geral. Do mesmo modo dever-se-iam excluir as designações leucodermo, faiodermo, melanodermo, a menos que elas se referissem a individualizações rigorosas e concomitantes de côr da pele, natureza e côr do cabelo, côr dos olhos, es-

tatura, índice cefálico e nasal, como propôs Roquette Pinto (20), o qual deve ter sem dúvida uma grande tristeza ao ver feita a classificação de seus tipos à base simplesmente de uma impressão subjetiva da pigmentação, quando êle próprio repete os estribilho de Montandon (21), Linton (22) e tantos outros: um dado antropológico isolado não caracteriza tipo nenhum.

Vejam os agora, um por um, os 3 elementos em que baseamos nossa classificação.

### ÍNDICE NASAL

Este dado é obtido multiplicando-se a largura do nariz por 100 e dividindo-se o produto pelo comprimento. Este tem como pontos de referência o *nasion*, um pouco abaixo da glabella (ponto sobre o plano sagital mediano, onde os ossos do nariz se reúnem ao osso frontal) e o ponto sub-nasal (onde o septo nasal encontra o lábio superior, no sulco naso-labial). A largura corresponde à distância máxima das asas do nariz, em posição não forçada, isto é, aos pontos alares. A relação destas medidas, que devem ser tomadas com um compasso apropriado, podendo também ser feitas com uma régua milimetrada nos serviços menos aparelhados, dá o índice nasal, que é assim classificado (R. Martin):

Menos de 70 — Leptorrinia (nariz afilado)

70 a 85 — Mesorrinia (nariz médio)

Mais de 85 — Platirrinia (nariz chato)

Em um trabalho anterior (23) tomamos como característica primária o índice nasal, que apresentou a seguinte distribuição:

20) *Ensaio de antropologia brasileira*. Cia. Ed Nacional, São Paulo, 1933. Pgs. 117-172.

21) *Loc. cit.*

22) *O homem. Uma introdução à antropologia*. Trad. Lavinia Vilela. Liv. Martins, São Paulo, 1943. Pg. 37

23) V. nota 5

Leptorrinos — 22%

Mesorrinos — 50%

Platirrinos — 28%

Agora as nossas verificações não só confirmam aquêles resultados (V. Quadro 4, gráfico G) como mostram até que ponto o índice nasal isoladamente vale como dado caracterizador dos nossos tipos (V. Gráfico H). Como se verifica pelas correlações com os outros dois elementos, o tipo preto é um pouco sobrecarregado por êle na estatística.

O índice nasal é um dado antropológico dos mais valiosos. A classificação de Topinard é nêle baseada. Bastos de Ávila escreveu: "o nariz, pode-se dizer, identifica não sòmente o indivíduo, mas ainda o grupo racial a que pertença seu portador" (24). Entusiasmo êste de que não participa Montandon. Já Lester e Millot (25) consideram-no essencial na classificação das raças. Citando Tompson e Buxton, dizem êles, porém, ser o mesmo modificável sob a ação do meio. Assim é que os povos naturais de países quentes e úmidos são platirrinos, os dos climas frios e secos leptorrinos. Davies (26) acha que a tendência à adaptação ao meio existe mas requer tanto tempo para se manifestar que os caracteres raciais atribuídos ao I. N. conservam seu valor. Como não pretendemos comparar o nosso material com o que se passa nos outros países, não discutimos êstes pontos de vista.

## NATUREZA DO CABELO

Como já vimos, o estudo da côr dos cabelos nenhum interesse apresenta para a classificação dos nossos tipos dentro do âmbito regional visto que a côr preta por exemplo é presente em 78% da totalidade do material, devendo ser muito frequente em quantos tipos o queiramos dividir. O mesmo não se dá,

24) Op. cit. Pg. 153

25) Les races humaines. Libr. Armand Colin, Paris, 1936. Pg. 43.

26) Cit. por Lester e Millot. Pg. 43

porém, com a natureza ou consistência do cabelo (Quadro VIII, gráfico G) cuja correlação indica se prestar, com o índice nasal e a côr da pele, à classificação dos nossos tipos antropológicos. Além do mais, trata-se de um dado de fácil apreciação, podendo ser perfeitamente tomado pelas repartições e centros coletores de dados antropológicos que porventura vierem a adotar as nossas sugestões. Aliás, em muitos dêles já vemos que os indivíduos são classificados em brancos, pardos e pretos; estaríamos chovendo no molhado ou arrombando uma porta aberta, por consequência, se não insistíssemos em que tais classificações devessem ser feitas à base de 3 dados ao mesmo tempo e não simplesmente por uma impressão subjetiva de um dêles — a pigmentação. Montandon diz que êste aspecto dos cabelos é perfeitamente distinto para as diversas grandes raças (27). Refere Bory de St. Vincent, Geoffrey Saint-Hilaire, Huxley, Deniker, Haddon, para os quais o caráter racial básico é a natureza do cabelo (28). Kroeber (29) considera êste elemento como uma das melhores características raciais. Pierson (30) acha que “a contextura do cabelo é muito mais importante que a côr da pele para classificar qualquer indivíduo”. Os antropologistas que “explicaram” a maior abertura do nariz, aumentando por consequência o índice nasal, como uma decorrência do clima quente e úmido em que vivem habitualmente as populações platirrinhas, cujo aparelho respiratório necessitaria nestas condições de uma janela mais larga para as suas trocas gasosas (31), deram a mesma “explicação” para a tendência à espiral que toma o cabelo dos pretos visto que os processos de ondulação artificial também são baseados nos efeitos do calor úmido (32). Lester e Millot negam porém qualquer valor a tais “explicações” visto que os mongolóides

---

27) Op. cit. Pg. 52

28) Op. cit. Pg. 72

29) Antropologia general. Trad. Javier Romero. Fondo Cultura Econom., Mexico, 1945. Pg. 54

30) Op. cit. Pg. 127

31) Bastos de Avila — Op. cit. Pg. 154. Lester e Millot — Op. cit. Pg. 43

32) Lester e Millot — Op. cit. Pg. 191

da Cochinchina e da Malásia, submetidos a um dos mais quentes e úmidos climas que se conhece, têm os cabelos extremamente lisos (33). Já lembramos que o nosso trabalho não comporta tais discussões. Mas os autores referidos, reforçando sua crítica, recordam que negros transplantados para climas secos conservam o cabelo encarapinhando após várias gerações (34). Quer dizer portanto que se deve ao cruzamento a diluição da linha de côr na Bahia, assunto a que nos referiremos ainda, em que pese a opinião do Prof. Pierson: "talvez esta modificação se explique em parte pela mortalidade provavelmente maior dos pretos" (35).

### CÔR DA PELE

Dado antropológico de fácil apreciação, é sobre êle que se baseiam quase que exclusivamente os estudos locais, com os quais fazemos a comparação de nosso material. Linton, que diz: "é curioso que de tôdas as variações que se tornaram fixas em grupos humanos, apenas as relacionadas à côr da pele pareçam ter qualquer significação relativa ao ambiente natural" (36), refere que "entre os Tanala, de Madagascar, há dois grupos que diferem pronunciadamente entre si na côr da pele embora pareçam muito semelhantes quanto a outras características físicas" (37). Isto depois de se reportar à explicação de que é a luminosidade e não o calor que influi sobre a côr da pele (38). Seja como fôr, o mesmo Linton afirma adiante que a pigmentação é um fator geneticamente dominante em hereditariedade (39), constituindo portanto uma das boas características antropológicas. Êste é igualmente o pensamento de

---

33) Op. cit. Pg. 191

34) Loc. cit.

35) Op. cit. Pg. 115

36) Op. cit. Pg. 43

37) Op. cit. Pg. 45

38) Op. cit. Pg. 43

39) Op. cit. Pg. 48

Lester e Millot (40), os quais lembram que as mais antigas e populares classificações raciais se fizeram segundo a cor da pele simplesmente. É nesta característica que se baseia a classificação de Bernier em 1864, a de Leibnitz um pouco mais tarde, a de Linneu em 1735, a de Buffon em 1749, a de Blumenbach em 1775 e a de Cuvier em 1816 (41). Desde então as classificações raciais não mais se fizeram à base exclusivamente deste elemento. Há várias escalas de pele, a mais moderna indicando mesmo a porcentagem de branquidade. Utilizamos em nosso trabalho a de von Luschan, de uso internacional, a qual, composta de 36 tons, prevê tôdas as côres possíveis por aproximação e exclusão. Tabulamos em definitivo o nosso material em 3 grupos de 12 tons, o que torna possível até mesmo o trabalho posterior sem escala nas repartições e serviços menos aparelhados que quiserem adotar nosso critério, já delineado. A correlação estabelecida com os outros dois elementos estudados indica que do ponto de vista estatístico o tipo preto fica folgado quando se toma isoladamente a cor da pele, ao contrário do que ocorre com o índice nasal e mesmo com a natureza do cabelo. Outros desvios se notam com os tipos branco e pardo, mas não invalidam também os resultados. Analisamos porém a cor da pele e suas relações com o tipo preto em homenagem aos trabalhos fundamentais de Pacífico Pereira, Artur Lobo, César de Araújo e Donald Pierson, este o único que não parece ter se valido apenas da cor da pele em suas pesquisas. Estudando em 1903 a incidência da tuberculose na Bahia, Pacífico Pereira (42) teve que estabelecer a proporção dos diversos tipos na população normal para fazer suas comparações. Valeu-se do recenseamento de 1890, baseado apenas na cor da pele, como todos os recenseamentos e, por estimativa, distribuiu os baianos da capital da seguinte forma: 31.4% brancos, 26.3% pretos, 35.1% mestiços e perto de 8% de cor não declarada. O recenseamento de 1890 atri-

---

40) Op. cit. Pgs. 20, 139, 192

41) Ales Hrdlicka — Las razas del hombre. In Aspectos científicos del problema racial. Ed. Losada, Buenos Aires, 1946. Pgs. 195-233

42) Op. cit. Pg. 15

bua à Bahia 26% de brancos, 20% de pretos, 46% de mestiços e 8% de caboclos. O rescenseamento de 1920 não indagou qualquer elemento antropológico. Nova sondagem só foi feita em 1927, pelo Cel. Artur Lobo, que pelos assentamentos de praça de soldados baianos encontrou 33% de brancos, 47% de pretos, 19% de mestiços e 1% de caboclos (43).

César de Araújo (44) em 1938 retomou o tema de Pacífico Pereira e encontrou em 10.000 escolares da Capital 32.91% de brancos, 20.90% de pretos e 46.% de pardos, concluindo, por cálculos baseados no cômputo de Pacífico Pereira, pela diminuição progressiva dos pretos na população, por quinquênios e decênios. O Prof. Donald Pierson, estudou exaustivamente esta questão, em 1939, não chegando a conclusões definitivas. Verificando a variação de características físicas entre 221 mães de côr preta e seus filhos, observou que em 36% dos casos havia côr mais clara ou cabelo mais liso na nova geração, contra 64% de casos em que havia ausência de variação perceptível. Já em 200 mães mulatas estas porcentagens eram respectivamente 49.5 e 45.5 havendo ainda 5% de casos que apresentavam, na nova geração, características mais ou menos regressivas (45). Quanto às proporções de 3 tipos na população, o Prof. Pierson determinou "por observação" a origem étnica de 5.000 participantes da micareta de 1936, na Bahia, atribuindo identidade racial européia a 32%, africana a 18% e mulata a 50% (46). Em 1944 o Escritório do Plano de Urbanização da Cidade do Salvador, estudando as "manchas de miséria" da capital, investigou entre outras coisas a côr da pele, classificando por simples inspeção 46.000 pessoas de famílias humildes em 23.7% leucodermos, 33.9% melanodermos, 33,8% faiodermos e 8.6% xantodermos (47). Em 1945, com o mesmo método, os Drs. José Fadigas, Lucílio Cobas e José Melo encontraram entre

---

43) A antropologia do Exército Brasileiro, Arq. Museu Nacional, Rio. 30:33 o segs., 1928

44) Loc. cit.

45) Op. cit. Pg. 121.

46) Op. cit. Pg. 120

47) Pesquisa ainda não publicada.

## BRANCOS, PRETOS E PARDOS DA BAHIA

4.165 baianos que passaram pelas juntas de seleção da FEB 36.3% de leucodermos, 18.9% de melanodermos e 44.8% de faiodermos (48). O recenseamento de 1946 dá para a Bahia 34.7% de brancos, 22.9% de pretos e 42.3% de pardos.

O quadro XII resume estas pesquisas e nos mostra também a necessidade que há de dados mais objetivos, tabulados periódicamente e sob critério uniforme. Esperemos por êles antes de fazermos as afirmativas categóricas que o estado atual da questão não comporta.

## QUADRO XII

## Pesquisas sôbre a distribuição da população baiana

PESQUISA	Ano	o/o Brancos	o/o Pretos	o/o Pardos ou equiv.	OBSERVAÇÕES
1. Recenseamento	1890	26	20	46	8 o/o "cabelos"
2. Pacífico Pereira	1903	31	26	35	{ 8 o/o côr não declarada. Só a capital
3. Artur Lobo	1927	33	47	19	1 o/o "cabelos". Soldados
4. Cézar de Araújo	1938	33	21	46	10.000 escolares, capital
5. Donald Pierson	1939	32	18	50	5.000 micarêta, capital
6. E. P. U. C. S.	1944	24	34	34	{ 8 o/o xantodermos. 46.000 proletários, capital
7. J. Fadigas e col.	1945	36	19	45	4.165 expedicionários FEB
8. L. Cerqueira	1945	28	24	48	Vide cap. "material"
9. Recenseamento	1946	35	23	42	Amarelos, 0,001 o/o. Côr não decl. 0,002 o/o.

48) A' margem da seleção de saúde para a FEB na 6.a Região Militar, Anais do II Congresso Médico Social Brasileiro. Vol. II. Pgs. 697-715.

## RESUMO

Em 1.022 expedicionários da FEB, convocados pela Bahia, verificou-se:

a) Côr da pele (escala de von Luschan): tons 1 a 12 23.77%, tons 13 a 24 58.11%, tons 25 a 36 18.10%.

b) Natureza do cabelo: lisos 38.35%, encaracolados 36.19%, encarapinhados 25.44%.

c) Índice nasal: leptorrinos 22.40%, mesorrinos 50.58%, platirrinos 27.00%.

d) Índice cefálico: dolicocefalos 7.33%, mesocéfalos 37.86%, braquicefalos 54.79%.

e) Côr dos olhos: castanho claros 42.46%, castanho escuros 54.01%, azulados 2.15%, esverdeados 1.36%.

f) Côr dos cabelos: pretos 77.98%, castanhos 17.51%, louros 4.50%.

Evidenciou-se a insubsistência de classificação de 3 tipos à base de apenas um dos caracteres antropológicos estudados.

Pela correlação dos 3 primeiros elementos, dois a dois, pretende-se caracterizar os tipos branco, preto e pardo.

São desprezados os demais dados antropológicos estudados por se mostrarem incaracterísticos, não permitindo correlação.

A média entre os valores índice nasal, côr da pele e natureza do cabelo, encontrados no material, dá a provável distribuição da população baiana: brancos 28.17%, pretos 23.51% e pardos 48.29%.

São analisados os 3 elementos com que se propõe conceituar os 3 tipos antropológicos — considerados os dados simultaneamente e não de *per si*. A análise da côr da pele é seguida de um estudo comparativo das pesquisas já feitas na Bahia à base dêste elemento.

## SUMMARY

### Whites, negroes and mulattoes in Bahia

Working with 1022 soldiers of the Brazilian Overseas Army, all of the drafted in Bahia, we have found:

a) Color of the skin (von Luschan's scale): shades 1 to 12 23.77%, 13 to 24 58.11%, 25 to 36 18.10%.

b) Kind of hair: lank 38.35%, curly 36.19%, wooly 25.44%.

c) Nasal index: leptorrhines 22.40%, mesorrhines 50.58%, platirrhines 27.00%.

d) Cephalic index: dolicocephaly 7.33%, mesocephaly 37.86%, brachicephaly 54.79%.

e) Color of the eye: light brown 42.46%, dark brown 54.01%, blueish 2.15%, greenish 1.36%.

f) Color of the hair: black 77.98%, brown 17.51%, blond 4.50%.

It became clear that no one of the studied anthropological characteristics could be selected as a basis for classification all by itself.

White, black and colored types are characterized through the correlation of the 3 first elements, taken two by two.

Since they did not allow any correlation the other anthropological data not being characteristics were put aside.

The probable distribution of Bahian population is to be found in average obtained with the nasal index, the color of the skin and kind of hair: whites 28.17%, negroes 23.51%, mulattoes 48.29%.

The 3 elements suggested for the characterization of the 3 anthropological types are analyzed — the data taken altogether and not *per se*. The analysis of the color of the skin is followed by a comparative study with researches done in Bahia on the same question.